

Sujeitxs pavoneados: por um devir vestimentado e por uma comunicação sensivelmente resistente das vestes

RESUMO

Baga de Bagaceira Souza Campos
In memoriam
Universidade Federal da Bahia,
Salvador, Bahia, Brasil.

Renata Pitombo Cidreira
E-mail: pitomboc@yahoo.com.br
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Cachoeira,
Bahia, Brasil.

O nosso problema de pesquisa cerceia-se sobre os desdobramentos inerentes aos corpos de sujeitos renegados pelo modo de vestir e suas intersecções de gênero, raça e sexualidade. Enquanto objetivo dessa investigação, tratamos de conhecer os aspectos que tangem a relação que se estabelece entre seus corpos e suas expressões estéticas do vestir. Assim, a abordagem metodológica se serve a partir dos métodos observativos da pesquisa realizada com xs agentes Tikal Babado e Pai Amor, na cidade de Cachoeira-BA, na produção de imagens que dão vez às suas dissidências. Ainda que os principais resultados sejam observados dentro de uma perspectiva construtiva e espiralada, ou seja, ela não se fecha em um ciclo, no tocante às suas questões tratam de abordar as vestes e os corpos em sujeitos *queers* de forma potencializadora, trazendo, portanto, uma contribuição epistemológica para o campo de estudos das ciências sociais e da própria moda como vetores de uma derivação epistêmica de sujeitos abordados como anormais.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Resistência. Vestimenta. Pavonear.

INTRODUÇÃO

A motivação de nossa pesquisa não se limita a estereótipos sobre o corpo e as vestes, mas sim, visa potencializar sensivelmente as poéticas contranormativas de corpos outros, subalternizados, dissidentes, potencialmente transversalisados pela subversão que provocam às incessantes normas reguladoras de poder. As imagens realizadas com Tikal Babado e Pai Amor¹, como são conhecidas na cidade histórica de Cachoeira, Recôncavo da Bahia, são pensadas a partir de estratégias que instiguem o pensamento sobre as formas do vestir do corpo, até então, considerado masculino, mas que irrompe esses padrões pela busca de vivenciar experiências que os binarismos não comportam em seus dizeres estéticos.

Sensivelmente, abordaremos o que este pavoneamento de suas vestes provoca e afeta enquanto poética perturbadora dos modelos designados aos papéis de coerência sexuais, de gênero e também ao contexto de classe e raça. Tais marcadores se potencializam à nossa análise, observados em um contexto que seus corpos (não-binários) contestam o que deve ser adequado ou não e que, portanto, dão lugar ao trabalho sobre pensar em derivações de violência contra o corpo. Por isso, despontamos apresentar algumas imagens produzidas durante a elaboração da pesquisa, dando a ver os detalhes com que seus brilhos, formas, estilos perturbam uma ordem que insiste em classificar determinados corpos.

Portanto, nosso problema de pesquisa se mostra não como um questionamento resolutivo, fechado e cíclico cujas expressões adornadas engendram como tecnologias dos seus eus, mas, sobretudo, como identificações de sensibilidades vestimentadas pertencentes a uma categoria em que elxs, enquanto sujeitxs existentes e resistentes, possam vibrar com suas vestes. Nesse mesmo sentido, provocamos objetivar a força que intentam e as provocações que seus modos de vestir proporcionam à normatividade, trazendo enquanto objetivo a ser alçado aqui os principais aspectos de suas sensibilidades e as vivências que permitem identificar essas manifestações da aparência em um contexto de poder e resistência.

Aplicamos um estudo metodológico-teórico centrado num diálogo interdisciplinar entre a teoria *queer*, uma certa sociologia compreensiva e os estudos relativos à aparência, numa perspectiva sócio-comunicacional. Para tanto, este estudo está balizado sobre alguns conceitos, entre eles o *pavonear* (MAFFESOLI, 1996). As contribuições de alguns autores/as como Michel Foucault (1987; 1988), Judith Butler (2003), Gayatri Spivak (2010), dentre outros se entrelaçam à proposta no intuito de motivar as forças de análise que as indumentárias podem apresentar quando inseridas num corpo já considerado desobediente. Utilizamos, ainda, à título de ilustração analítica a apresentação de imagens de Tikal Babado e Pai Amor que possam imprimir as suas experiências dissidentes de vestir no contexto da cidade. Refletimos de forma crítica as repugnâncias lançadas sobre seus modos de vestir nas disputas de espaço como mola propulsora de devires insurgentes.

METODOLOGIAS, MÉTODOS E OUTRAS DERIVAÇÕES EPISTÊMICAS

Com o desejo de sempre pensar em metodologias outras e derivações que não cansem de potencializar a resistência de sujeitos considerados desobedientes, a força com que a nossa análise se apresenta, desponta de percepções em que o sujeito negro e perturbador das ordens de gênero e/ou sexualidade possam criar suas formas de vestir, de ser e resistir. Assim, “Face a este tempo, as ciências sociais têm um compromisso ético: oferecer ferramentas teóricas, metodológicas, epistemológicas e políticas para explicar estas realidades e poder atuar sobre elas.” (CURIEL, 2018, p. 216). Por isso, o processo de apresentação de imagens de Tikal Babado e Pai Amor expressam seus modos de ser e estar em meio a uma sociedade que insiste em lhes negar esta possibilidade de aparição, e que também não compreende os borramentos que provocam.

Tikal Babado, negrx, nascidx na cidade São Félix, mas passeia sempre pela vizinha Cachoeira, é um sujeito *queer*, que se veste com roupas consideradas “inapropriadas”; Tikal transita em diversos espaços tanto religiosos quanto de outras instituições, pavoneando seus modos de vestir. Assim como Tikal, Pai Amor é outro sujeito que destoa socialmente pelo modo como cobre o seu corpo, sempre com vestidos e as unhas bem pintadas, Pai Amor, negrx, candomblecista, deseja vestir-se sempre de modo provocador e contra os padrões de uma sociedade normativa.

Esses marcadores de raça, gênero e sexualidade que vamos trabalhar ao longo desta análise são interseccionais, pois partem da proposta de uma conceituação postulada também pela autora Kymberlè Crenshaw (2002, p. 177) e que a define como sendo “[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.”. Portanto, as derivações epistêmicas que propomos apontar são pensadas num campo em que as perspectivas de raça sejam aderidas aos estudos sexuais e de gênero não somente como uma proposta forçada, mas como uma revitalização urgente do que despontam esses marcadores de forma unívoca em seus corpos vestimentados.

Aqui, conceitos de gênero, raça, sexualidade se entrelaçam como conceituação intensificadora das formas que não cansam de agir sobre os corpos. Perceptivelmente seus trejeitos, performances e vestimentas são analisados em suas pujantes compreensões contranormativas; provocando as desestruturações e os desconfortos sobre o que é dito para o gênero vestir, negando uma sexualidade que lhes imputaram tornar-se e desobedecendo os projetos que, enquanto indivíduos negros, a nossa sociedade racista projetou sobre seus modos de ser.

É nesse sentido que essa virada epistêmica a que nos propomos pensar alcança um patamar de denúncia aos mais diversos mecanismos de violência que os seus pavoneamentos afetam. Nesse encontro possibilitamos argumentar, juntamente com o autor Michel Maffesoli (1996, p. 163), ao tratar o conceito de pavonear o corpo:

Assim, o corpo que se pavoneia, referindo-se a alguns exemplos sócio-antropológicos que dei, é causa e efeito de toda socialidade dinâmica. É também, como se compreenderá facilmente, a manifestação privilegiada da estética, no sentido preciso que dou a esse termo: o de experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido.

O pavoneamento pode ser representado aqui como o corpo que, sob a luz do Sol ou do luar, estabelece sobre certos princípios as relações necessárias para destacar as emoções de sua aparência na revelação do arranjo social e “[...] é essa lição que se pode tirar dos adornos, ou das diversas modulações da valorização do próprio corpo; elas fundam o corpo social.” (MAFFESOLI, 1996, p. 162). O fato é que a potencialização de tal argumentação propõe refletir o próprio processo que permitiu o corpo, com todos os fios coloridos (pavoneados) de suas vestes, engendrar em um novo processo de politização, dando espaço a uma desobediência direta com a normatização em que o seu corpo *queer* é promulgado.

Segundo Tamsin Spargo (2006, p. 8), o “‘Queer’ pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador.”. Contudo, aqui trabalharemos sobre os xingamentos dirigidos aos grupos minoritários como bixa, sapatão, etc., por estarem mais próximos de nossas realidades latinas. Pensando nessa perspectiva entendemos os seus pavoneamentos enquanto blindagens de suas resistências, e através desse pavonear são travadas lutas de purpurinas, realces e formas desejosas de uma política sensivelmente vestimentada. Uma forma atuante que insere, quase diariamente, aspectos tangíveis de suas dissidências como força lacrativa e contestadora.

FORÇAS RESISTIVAS, UM DEVIR ATUANTE

Os termos fechação, bombaço, lacração, por exemplo, são pensados enquanto verbos que potencializam a discussão em torno do que propomos tratar como uma atuação política sensível ao corpo adornado que aqui abordamos. Podemos dizer que a sentimentabilidade dentro desse campo político no qual suas vestes operam é, de fato, uma atuação que explora as suas realidades e possibilidades de criação. São, desse modo, relações em que seus marcadores sociais e que estão evidentes não somente pelo modo como operam suas formas de vestir nesse jogo dos binarismos, como também sobre as evidências de classe e raça em que seus corpos assumem.

Portanto, os desafios enfrentados pelo envolvimento de suas vestimentas-armaduras são apontados nas seguintes imagens de resistência de Pai Amor e Tikal Babado:

Figura 1 – Pai Amor: no balanço do amor, os teus singelos movimentos



Fonte: Fotografia Silvia Leme (Cachoeira-BA, 2019)

Figura 2: Tikal Babado: Que brilho foi esse, viado?



Fonte: Fotografia Silvia Leme (Cachoeira-BA, 2019)

Na primeira imagem descortina-se a potencialidade da vestimenta na construção do corpo de Pai Amor, em que um corpo que tem um sexo masculino, se veste com uma peça usualmente direcionada para um corpo que tem um sexo feminino. O vestido azul de renda que se insinua entre pernas não depiladas reforça esse estranhamento de uma aparição que rompe com normas estabelecidas do binarismo, pensada aqui a partir de rompimentos com o que é dito ideal para o sujeito “masculino” cobrir, pensando a própria relação com o sexo anatômico e o seu modo fictício (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2003) de ser. Observa-se também que características presentes na imagem já nos avisam sobre a questão

de classe também, mais um marcador social com uma profundidade de extrema importância na forma como sensibilizamos esse corpus. A segunda imagem, por sua vez, Tikal Babado explora a sensualidade de costas nuas e o contraste da pele negra ao ostentar um turbante amarelo. Aqui temos a utilização de um adereço potencializando o adornar-se, o pavoneamento das cores em uma imagem que brilha com o fundo das luzes da cidade.

Portanto, fica evidente que as demandas interseccionais que esse enlace entre corpo, performance e vestimenta nos provoca, assume um contorno em que o corpo, aqui, briga por afirmação e as suas manifestações extensionais modelam e reafirmam suas vivências nesse contexto de marcações sociais. Quando afirmamos serem as suas roupas a fechação, a lacração ou a bombação, entendemos que Babado e Amor potencializam o uso de suas vestes, que representam para si todo o brilho que brindam e emprestam a esse fazer da moda não apenas como fantasia, mas sim como algo que não é mais uma busca estranha na moda; é sobretudo um modo de aparição de um ser. Na escolha das suas vestes e adereços, Babado e Amor vão, a cada dia, construindo suas aparências e identidades e se afirmando socialmente.

Paralelamente ao que é dito anteriormente, nessa conexão do brilho com o poder das vestes, Mara Rúbia Sant’anna (2007, p. 43) afirma que “[...] a aparência e o poder são instâncias da experiência da vida moderna que se interferem infinitamente.”. Desse modo, quando elevamos o poder que as vestes possuem nas configurações sociais, estamos concordando com a autora ao dizer que as “[...] estratégias de poder passam pela aparência.” (SANT’ANNA, 2007, p. 43) e que neste trabalho são observadas pelo brilho que Tikal Babado e Pai Amor nos fazem sentir e ressoar, e cujo o objetivo se vê pela potencialidade em que essa exposição enuncia as formas de suas sensibilidades adornadas.

No tocante a essa questão, o que buscamos mostrar é que não se trata apenas de posicionar os corpos vestimentados de Tikal Babado e Pai Amor numa realidade de espaço seguro quanto ao modo como atuam suas dissidências, mas enxergar a atuação de suas vestes no sentido de potencializar o que chamamos (e que Babado e Amor chamam também) de fechação, bombação e lacração numa marcha incansável de desobediência. Torná-lxs sensivelmente adornadxs. Reavivar a força que possuem na dinâmica transformadora face às opressões, preconceitos e hipocrisias condescendentes da política normativa dos corpos e suas *extensões de pele* (MCLUHAN, 2005).

Poderíamos apresentar diversas palavras que traduzissem, ainda que não de forma geral, aquilo que sentem sobre suas vestimentas ou aquilo que elas, porventura, provoquem, e ainda assim não esquecer que por trás de uma chamada lacração, existe um corpo que expressa a voz dos estigmatizados e que luta para que não tenha a memória de suas vestimentas apagada. Assim, é possível entender os seus corpos adornados como parte de um processo em que são, sobretudo, denunciante aos esquemas de violência que se pode imaginar. As suas vestes são a denúncia de que a própria violência acarretada vive uma via de mão dupla, que intenta provocar as normativas, mas que é denunciada por não cumprir as exigências de um corpo adornado ideal.

PODE A ROUPA DO SUJEITO DISSIDENTE COMUNICAR?

Com o objetivo de traçar um perfil mobilizador de suas formas adornadas e de seus enunciados, estabelecemos apontar uma reflexão autoconsciente a partir dos modos como as suas aparências são percebidas, transformando-as em um crescente movimento de contestação das normas - estabelecidas por suas formas políticas de ser. Essa reflexão parte de estratégias que estabeleçam uma autocrítica ao modelo impregnado socialmente, trazendo à tona, portanto, a importância de se compreender as maneiras como nos vestimos e àquelas que as outras pessoas acham que são mais adequadas e esperadas no interior da sociedade. E nesse sentido, estabelecermos aqui uma argumentação que não negue o contexto em que vivem essas relações entre violência e resistência.

Sabemos que as vestimentas possuem a sua própria comunicação – neste caso, não-verbal – e que elas ocupam uma significação social que estereotipadamente pode indicar classe, gênero, etc. A partir desse exposto entendemos que essa comunicação perceptiva que engendra é controlada por forças que determinam o que deve ser incorporado para seguir a plenitude de uma sociedade formatada. Assim, quando xs sujeitxs rebelam-se contra esse sistema, principalmente propondo borrar as fronteiras do possível, transformam essas impossibilidades em ferramentas de resistências midiáticas, comunicando aos seus algozes esse *outro* modo de ser.

A existência dessas forças controladoras que insistem em ditar o que é correto ser ou não ou as formas como devemos utilizar as tecnologias vestimentadas no corpo, reflete algo já observado por Spivak (2010): os sujeitos subalternos sempre falaram, o problema é que eles nunca eram ouvidos. Podem elxs comunicar através de suas vestes? Até onde a sociedade os permite pavonear? Jota Mombaça (2015, s/p.) aponta, complementando o pensamento de Spivak, para a expressão de um “cu mestiço” questionando o seguinte: “[...] pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta?”.

É certo dizermos com bastante veemência, ao que disseram também outros postulados dos estudos *queers*, que sujeitos foram barrados, bloqueados, controlados, etc. com base em seus sentimentos, desejos, existências. Foram proibidos de exaltar suas emoções, em nome de uma performatividade, como diz a autora Judith Butler (2003), que não poderia ter seu elo quebrado. É nesse sentido que Butler (2003, p. 201) afirma que:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias ações de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória.

Portanto, a articulação com essa capacidade comunicativa que a vestimenta possui, enquanto elemento que cobre o corpo e que se circunda sobre a dimensão de poder e da experimentação do sujeito com essa percepção consigo e com o outro, é arte que desvela os subjulgamentos. Enquanto vetor de sentido, como compreende Renata Pitombo Cidreira (2005), a vestimenta comunica narrativas e sentimentos profundos do modo de ser de cada um de nós. A vestimenta e os

adereços permitem a determinados corpos suas verdadeiras formas de ser, incitando nos outros à anormalidade e, conseqüentemente, se constituindo como provocadoras de choques que se desligam de uma dada e incompreensível naturalidade.

A autora Mara Rúbia Sant'anna nos convoca a estarmos atentos a essa dimensão de compreensão das vestimentas com as seguintes palavras:

O vestir, como dimensão de comunicação da sociedade moderna, que constrói sobre corpos, diariamente, uma aparência própria, é campo privilegiado da experiência estética, firmada no prazer de ver e ser visto [...] de ser um outro a cada dia e ser o mesmo, sempre. (SANTA'ANNA, 2007, p. 47, grifo da autora)

Considerando a dimensão política das vestes de Babado e Amor, as suas aparências são literalmente barradas por uma comunicação outra, isto é, por pressupostos que ditam serem os somatórios de suas vivências o verdadeiro empreendimento de uma luta por reconhecimento e prazer que merece ser aniquilada. Enquanto reflexo da realidade humana e da questão social, a moda, como aborda o sociólogo Georg Simmel (2008, p. 55) “[...] pode, pois, aparentemente e em abstracto, acolher em si qualquer conteúdo; qualquer forma concreta de vestuário, de arte, de conduta, de opiniões, se pode tornar moda.” e a esse sentido implicamos aprofundar um debate firmado pelo prazer e pelo desejo que os seus variados elementos ornamentais podem construir, principalmente no contexto em que revertem esses posicionamentos ditos masculinizados/feminilizados do vestuário e exercitam-se num caminho para alçar suas afetividades. Isso se deve exatamente pela relação de investigação comunicacional que este trabalho também se propõe nas relações sociais que as vestimentas de Tikal Babado e Pai Amor nos possibilitam enquanto leitura provocadora.

RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Pensando nas intersecções (CRENSHAW, 2002) já apontadas durante este trabalho e que se potencializam quando pensamos nas violências que cerceiam seus corpos e tecnologias, evidenciamos que as roupas não devem e nem merecem ser tratadas como algo menor ou sem valor. Elas revelam as sobreposições de uma estética incongruente aos padrões da sociedade. A proposta segue como forma de evidenciar que as relações de dominação, docilização, poder e subjetivação se desenham como projeto, que visam exterminar corpos, na forma mesmo de um *design* sobre os que devem permanecer ou não vivos ou os que merecem ou não o respeito. Portanto:

A interrelação destas categorias permite-nos compreender como o regime da heterossexualidade não só afeta as lésbicas ou as pessoas com sexualidades não normativas, mas também e sobretudo todas as mulheres, pela sua dependência emocional, material, simbólica dos homens, e como este regime se instalou desde a colonização e a construção de nações, através da cidadania liberal, na qual uma estrangeira, por exemplo, só pode aspirar a ser uma cidadã nacional através do casamento, ou, em todo o caso, através da união livre, cujo modelo é finalmente heterossexual [...] (CURIEL, 2018, p. 234)

Assim como os pensamentos de autoras interseccionais como Ochy Curiel, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Kimberlè Crenshaw e muitas outras autoras, compreendemos que as dinâmicas de rechaçamento, silenciamentos e apagamentos se desdobram a partir de vieses que imputam determinados sujeitos à marginalização. E tais marcadores unidos, formam o que entendemos por interseccionalidades - “[...] categorias centrais para analisar as relações e as estruturas sociais.” (CURIEL, 2018, p. 234). Essas intersecções desenham um caminho que não nos permite analisá-las unitariamente, ou seja, nem somente a questão de raça ou de gênero isoladamente, mas sim provocá-las num só lugar.

O resolutivo de estratégias que possibilitem essa comunicação sensível das suas diversas peles desenha o nosso ponto chave de problematizações às questões pertinentes tanto de dentro quanto de externo ao corpo, ou seja, de seus desejos interiores e do que está exposto em suas performances e elementos. Por isso as vestes são pensadas aqui tanto pelo seu viés poético/estético, mas principalmente pela potencialidade que carregam em perturbar normas estabelecidas e de serem estrategicamente pensadas como uso resistivo no/do corpo.

Figura 3 – Pai Amor: Por uma comunicação sensível e, acima de tudo, afrontosa



Fonte: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira-BA, 2019)

Figura 4 – Tikal Babado: Os encantos de babado à beira do Paraguassu



Fonte: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira-BA, 2019)

As marcas do corpo, são marcas de poder, como explora Guacira Lopes Louro. E ao mesmo tempo que o corpo é cultura, transborda e embaralha a sequência sexo-gênero-sexualidade. Ele é dito e feito na cultura, gerando a possibilidade de inserção social, mas ao mesmo tempo de extrapolação de certos marcadores sociais estabelecidos. Na primeira imagem, um corpo “masculino”, com uma peça dita “feminina”, adota uma gestualidade que chama atenção para uma suposta falta do corpo masculino que são os seios; na segunda, a barriga à mostra, exibe um corpo negro, rijo que também adota um gestual sensual ‘tipicamente’ associado ao gênero feminino.

Nas duas imagens podemos encontrar essa poética fotografada do pavoneamento, enquanto elemento que sobressai e desliza sobre arco-íris contrahegemônicos, evidenciados aqui pelos elementos de sua primeira pele, segunda e o fator classe social na representação do corpo. As suas radiantes formas provocam além de rompimentos com as formas corretas do que é dito ao corpo cumprir, e acendem uma reflexão para pensarmos em como convenções marcadas pela construção social tendem a apontar seus corpos em um lugar tipicamente masculino (a exemplo de sua barba), sendo que essas ficções do gênero e do sexo se desmancham ao confrontar com formas entrelaçadas, sejam elas entre os dois gêneros ou até nenhum deles.

Observamos que há um antagonismo na moda, propiciado entre o que esteja estabelecido pela fidedignidade que lançamos sobre ela no conjunto social, mas, ao mesmo tempo, sobre certa particularidade que nos é remetida encontrar em seu círculo (SIMMEL, 2008). As singularidades que encontramos em Babado e Amor apontam-nos para essa particularidade significativa que suas extensionalidades provocam na operação politicamente eficaz de suas atuações composicionais e que se inserem no propósito de legitimar suas sensibilidades, movimentando-xs a partir de um sistema hierarquizador à moda. Complementando o desejo aqui proposto, Simmel (2008, p. 57) diz em suas palavras:

Em suma, o encanto peculiarmente picante e estimulante da moda reside no contraste entre a sua difusão ampla, que tudo abarca, e a sua transitoriedade brusca e radical, o direito à infidelidade para com

ela [...] A moda revela-se, pois, apenas como uma invenção singular e deveras particularizada entre muitas outras em que a conveniência social objectivou, com igual legitimidade, as correntes antagônicas da vida.

Ou seja, essa projeção na moda pode provocar questionamentos às estruturas responsáveis por manter essas ditas formas ideais e que me permite, em determinados momentos, ser a sua mais infiel companheira, desobedecendo toda e qualquer ligação com o padrão/binarismo. Portanto, a abordagem conceitual trabalhada aqui em perspectiva com as formas do corpo e suas interseccionalidades, operadas a partir dos elementos extensionais e o funcionamento de suas dinâmicas na sociedade, nos força a refletir sobre as estruturas do poder simbólico² - conceito trabalhado pelo autor Pierre Bourdieu (1989) -, discutindo em nosso enlace o seu papel nas relações de violência que operam aqui a partir dos seus diálogos adornados.

Não sendo vista como uma violência menor, a violência simbólica da qual trata o autor se justifica em nossa afirmativa na perspectiva de uma atuação das vestes em que se problematize o campo de dominação aos quais os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor se inserem e que tornam a roupa nesse sentido, em que ela é “[...] uma extensão dos meus próprios tecidos, da minha própria modelagem, como algo que já faz parte do meu corpo, faz parte de mim, enquanto dimensão sensório-motora.” (CIDREIRA, 2005, p. 114). Assim, a roupa faz-se potência da pele por também receber as cargas que suas dissidências de raça, gênero, classe e sexualidade já configuram.

Esse poder, aqui, é discutido nesse viés em que essas tecnologias que desestruturam as ordens do binarismo e borram suas barreiras entram num jogo de luta por poder, por novas reestruturações, por novos devires. Foucault em suas obras, ao problematizar os saberes e os poderes o faz pela prática de denunciar o jogo das disputas disciplinares. Em *história da sexualidade I* (1988), por exemplo, o próprio autor afirma que “[...] onde há poder há resistência [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 91), e que compreendemos como forças oposicionais em que nem sempre o poder vencerá ou que a resistência será em vão. São as formações disciplinares dos corpos que mantêm o jogo dos matáveis e não-matáveis, do certo e errado, do normal e do abjeto, etc., são as tão cunhadas docilizações que aprisionam os corpos e seus desejos (FOUCAULT, 1987).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio e como já mencionado neste trabalho, buscamos abordar um espaço e um fazer político em que Babado e Amor estejam em pleno enfrentamento diante das políticas dominadoras e “eficazes” do vestir. Desse modo, propusemos refletir, enquanto leitura sensível e atuante dos seus corpos pavoneados, a resistência e a atuação política sendo reconhecidas nesse jogo de poder que possuem as dinâmicas constituidoras e institucionalizadoras dos corpos. Assim, o nosso objetivo culminou traçar um debate que se mostrasse reconhecedor de suas interseccionalidades enquanto indivíduos sensíveis e necessários para uma política transformadora.

A forma como se vestem, os seus *pavoneamentos*, se apresentaram como relevantes por desestruturarem as normas de vestir que a sociedade espera. Nesse

sentido, através das imagens aqui apresentadas, as relações envolvidas entre os seus marcadores sociais puderam ser observadas tanto no contexto em que se vestiram da forma que o seu gênero não se veste e ao mesmo tempo incutarem certa sexualidade desviante; além disso, há que se destacar o fato de que esses corpos são ainda mais violentadxs por serem corpos pretos e pobres. Assim, parece existir uma legitimação e uma negação de que tal corpo possa agir como tal, principalmente tratando-se de formas outras de vestir.

Por fim, destacamos que as suas potencializadas vestes pavoneadas perpassam por tais aspectos e não podem ser negadas em sua pujante expressão dissidente e que seus *modos de aparição* (CIDREIRA, 2013) devem ser vistos como características de um grupo que deseja ser mais do que o mesmo; corpos obstinados para não somente atacar o que é normativo, mas produzir dissidências que estejam relacionadas com as sensibilidades que emanam os seus desejos de vestir e, principalmente, resistir. Por isso mesmo, tornam-se pavoneadxs, resistentes às investidas do controle num devir incessantemente politizado e provocador.

Strutting subjects: for a dressed becoming and for a communication sensibly resistance by clothes

ABSTRACT

Our research problem is about the unfolding inherent in the bodies of subjects reneged by the way of dressing and their intersections of gender, race and sexuality. As an objective of this investigation, we tried to know the aspects that touch the relationship that is established between their bodies and their aesthetic expressions of dressing. Thus, the methodological approach uses the observational methods of the research carried out with the agents Tikal Babado and Pai Amor, in the city of Cachoeira-BA, in the production of images that give rise to their dissent. Although the main results are observed within a constructive and spiraling perspective, that is, it does not close in a cycle, but with regard to its issues, they try to approach the clothes and bodies in queer subjects in an empowering way; bringing, therefore, an epistemological contribution to the field of studies of social sciences and fashion itself as vectors of an epistemic derivation of subjects approached as abnormal.

KEYWORDS: Body. Resistance. Clothes. Strut.

Sujetos que se pavonean: para un devir vestido y para una comunicación sensiblemente resistente por la ropa

RESUMEN

Nuestro problema de investigación se trata del desarrollo inherente em los cuerpos de los sujetos que se renegan por la forma de vestir y sus intersecciones de género, raza y sexualidad. Como objetivo de esta investigación, tratamos de conocerlos aspectos que tocan la relación que se establece entre sus cuerpos y sus expresiones estéticas de vestir. Así, el enfoque metodológico utiliza los métodos de observación de la investigación realizada com los agentes Tikal Babado y Pai Amor, em la ciudad de Cachoeira-BA, em la producción de imágenes que dan lugar a su disenso. Aunque los resultados principales se observan desde una perspectiva constructiva y en espiral, es decir, no se cierra em un ciclo, pero con respecto a sus problemas, intentan acercarse a la ropa y los cuerpos de los sujetos *queer* de una manera empoderadora; trayendo, por lo tanto, una contribución epistemológica al campo de estudios de las ciencias sociales y la moda misma como vectores de una derivación epistémica de sujetos abordados como anormales.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo. Resistencia. Vestimenta. Pavonear.

NOTAS

¹Tikal Babado e Pai Amor são duas pessoas *queers* da cidade de Cachoeira-BA e que se inserem no debate aqui proposto por irromperem as prerrogativas do que deve ser ideal ou não ao corpo do sujeito negro e dissidente de gênero e sexualidade vestir. As imagens aqui apresentadas fazem parte de um conjunto de fotografias retiradas na cidade histórica de Cachoeira durante realização de pesquisa de mestrado, no ano de 2019, sobre os modos com os quais sentiam e percebiam suas vestes. Assim, construímos subtítulos para cada imagem no intuito de evidenciar os seus desejos adornados e despontar escritas poéticas de resistência. Tikal Babado e Pai Amor, assim como a fotógrafa, autorizaram o uso e veiculação de suas imagens para fins da pesquisa.

² “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **As formas da moda**. São Paulo: Annablume, 2013.

CRENSHAW, Kimberlè. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. **Revista de Estudos Feministas**, v. 7, n. 12, ano 10, 2002. pp. 171-188.

CURIEL, Ochy. Gênero, raça, sexualidade - debates contemporâneos. In: BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Gênero e performance: textos essenciais**. Vol. 1. Coimbra: Universidade de Aveiro, 2018. pp. 215-237.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** [S.l.]: Medium, 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda**: sociedade, imagem e consumo. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Tradução de Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: ed. UFJF, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Recebido: 17/03/2020.

Aprovado: 29/05/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.11785.

Como citar: CAMPOS, Baga de Bagaceira Souza; CIDREIRA, Renata Pitombo. Sujeitxs pavoneados: por um devir vestimentado e por uma comunicação sensivelmente resistente das vestes. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 37-51, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Renata Pitombo Cidreira

Rua Poeta Bráulio de Abreu, nº 50, casa 12, Cond. Mansão Stella Maris, Salvador, Bahia.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

